

Próximo Next
futuro future

Ocupações temporárias

documentos



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

ABRAÃO VICENTE
 ARILSON NENASS ALMEIDA
 AZAGAIA
 BENTO OLIVEIRA
 CAMILA DE SOUSA
 CELESTINO MUDAULANE
 DIOGO BENTO
 EUGÉNIA MUSSA
 FILIPE BRANQUINHO
 GONÇALO MABUNDA
 JOÃO PETIT GRAÇA
 JORGE CAETANO FERNANDES
 LOURENÇO DINIS PINTO
 MAIMUNA ADAM
 MAURO PINTO
 NUNO DE PINA
 PAULO KAPELA
 POMPÍLIO HILÁRIO GEMUCE
 RUI TENREIRO
 SANDRA MUENDANE
 SHOT-B
 TIAGO CORREIA-PAULO

“Ocupações Temporárias – Documentos”
 é uma realização conjunta do Programa
 Gulbenkian Próximo Futuro e do Programa
 Gulbenkian de Apoio ao Desenvolvimento

“Ocupações Temporárias – Documentos”
 has been organized jointly by the Gulbenkian
 Next Future Programme and the Gulbenkian
 Development Aid Programme

Próximo Next
 futuro future

PROGRAMA GULBENKIAN
 DE AJUDA AO DESENVOLVIMENTO

OCUPAÇÕES TEMPORÁRIAS – DOCUMENTOS



Diogo Bento + Colectivo OU, “Casa para Outros” / “House to Others”, 2013, © Rita Rainho

Em Abril de 2010 a ativista cultural Elisa Santos iniciou em Maputo as “Ocupações Temporárias”. Tratou-se de um projeto de cultura artística contemporânea com uma forte intervenção no espaço público desta cidade. Para esta primeira edição o problema apresentado aos artistas para ser exposto na vida quotidiana do Maputo foi o património arquitetónico. Em 2011 voltou a produzir as “Ocupações”, inaugurando-as no dia em que se assinalavam dez anos sobre o ataque das torres gémeas de Nova Iorque e o tema não podia ser mais explícito: juntar a precariedade, e até a rusticidade das intervenções, ao sentido global de perda de segurança associado ao da perda de liberdade e de cidadania que caracterizam as nossas sociedades contemporâneas. Em 2012 a terceira edição realizou-se com o patrocínio dos Programas Gulbenkian Próximo Futuro e Ajuda ao Desenvolvimento e traduziu-se na produção de intervenções sob o tema “Estrangeiros”, maioritariamente feitas em espaços estrangeiros na cidade de Maputo, nomeadamente embaixadas e o aeroporto internacional.

Em 2013, depois de uma acumulação de experiências com a intervenção no Mindelo, temos as “Ocupações” em Lisboa. Já não terão necessariamente o propósito e os contornos das primeiras “Ocupações”, mas, considerando a importância do método e da pertinência de muitos dos trabalhos realizados, as “Ocupações Temporárias – Documentos” serão o testemunho documental de um processo, um arquivo recente material, com os objetos ou as suas réplicas (entretanto produzidas durante estes três anos), dando assim visibilidade a um conjunto de obras em tensão ou convivencialidade entre si e os espaços que ocuparam e que constituem um marco de passagem para as “Ocupações” que se seguirão.

TEMPORARY OCCUPATIONS – DOCUMENTS

In April 2010, the arts activist Elisa Santos started up the “Temporary Occupations” in Maputo. This was a contemporary arts project, featuring powerful intervention in the city's public spaces. For the original event, the theme given to the artists, for display in everyday settings in Maputo, was that of architectural heritage. The “Occupations” were reprised in 2011, opening on the day marking the tenth anniversary of the attack on New York's twin towers, and the topic could not have been more explicit: to connect the precarious and even homespun nature of the interventions to the global meaning of the loss of security associated with the loss of freedom and citizenship, characteristic of our contemporary societies. In 2012, the event went ahead again, this time with sponsorship from the Gulbenkian Next Future and Development Aid Programmes, and involved art projects devoted to the theme of “Foreigners”, mostly created in foreign spaces within the city of Maputo, such as embassies and the international airport. In 2013, after gaining further experience from the intervention in Mindelo, we now have the “Occupations” in Lisbon. The event will not necessarily share the original purpose or even the look and feel of the first “Occupations”. But considering the importance of the method and the relevance of much of the work produced, “Temporary Occupations – Documents” will be the documentary witness to a process, a recent physical archive, with objects or their replicas (produced over the last three years), gaining visibility for a set of pieces that clash or fit with the spaces they occupy and which act as a signpost to subsequent “Occupations”.



Shot-B: "Hontim, hoje e amanhã", 2011-13, © Ana Lúcia Cruz

O GRANDE DESAFIO DO EMPREGO NA ÁFRICA SUBSARIANA

THE EMPLOYMENT CHALLENGE IN SUB SAHARAN AFRICA

[SANDRA SEQUEIRA](#)

Em décadas recentes, o continente africano tem registado entre as mais altas taxas de crescimento económico do mundo. De forma acelerada, mais de 90 milhões de famílias foram retiradas da pobreza para se juntarem às fileiras de uma classe média em crescimento. Ao mesmo tempo, a África Subsariana (AS) caminha na direção de uma importante transição demográfica: em 2035, a sua força de trabalho deverá chegar aos 500 milhões de trabalhadores, superando a força de trabalho atual de gigantes económicos, como a China ou a Índia. O seu rácio de dependência, que mede a pressão exercida pelos muito jovens e pelos idosos sobre segmentos produtivos da população, deverá diminuir para níveis comparáveis aos das economias ocidentais desenvolvidas. Esta conjuntura representa uma oportunidade única para o continente africano emergir como um agente económico de peso, capaz de melhorar significativamente a qualidade de vida da sua população. No entanto, uma crescente desigualdade de rendimentos e heterogeneidade no acesso a recursos produtivos começam já a ameaçar a sustentabilidade desta trajetória de crescimento, criando dúvidas sobre a capacidade do continente conseguir capitalizar o dividendo demográfico esperado. Isto exigiria dar resposta a esta nova e ambiciosa geração de trabalhadores que irá dar entrada no mercado de trabalho nos próximos anos e que espera beneficiar da prosperidade do continente, através de abundantes oportunidades de emprego.

Numa primeira análise, a taxa média de 8% de desemprego na AS não parece ser motivo de alarme, considerando que os países desenvolvidos se veem, neste momento, confrontados com taxas de desemprego de dois dígitos, na sequência da crise financeira. No entanto, não obstante variações significativas ao nível dos diferentes países, em média cerca de apenas 25% da atual população em idade ativa está efetivamente empregue num trabalho estável, que providencia um salário no final do mês. Os desempregados estão escondidos das estatísticas oficiais, trabalhando em atividades agrícolas de subsistência ou em formas precárias de autoemprego, na sombra da economia formal. Assumindo a continuação das atuais taxas de criação de emprego, de uma força de trabalho crescente de meio milhão de africanos, que se espera que se junte ao mercado de trabalho em 2035, menos de um terço conseguirá, de facto, um trabalho assalariado. Isto representa não só um enorme desperdício de talento, mas também a frustração das expectativas de uma geração que cresce num ambiente de visível potencial económico. O contraste entre a capitalização crescente da riqueza do continente e as limitadas oportunidades de emprego encontradas no mercado de trabalho poderão ser uma fonte de frustração, ressentimento e instabilidade social. Os ventos favoráveis da maré demográfica poderão tão facilmente lançar o continente na trajetória do desenvolvimento sustentável, quanto colocá-lo à deriva.

In recent decades, the African continent has experienced among the highest rates of economic growth in the world. By leaps and bounds, over 90 million households were lifted from poverty to join the ranks of a growing middle class. At the same time, Sub Saharan Africa (SSA) is moving to the brink of an important demographic transition: by 2035, its labour force is expected to swell up to 500 million workers, exceeding the current workforce of economic juggernauts like China or India. Its dependency ratio, which measures the pressure placed on productive segments of the population by the very young and the elderly, is set to decline to levels comparable to developed Western economies. This turning of the tide represents a unique opportunity for the African continent to emerge as a vibrant economic player that succeeds in improving the livelihoods of its people. And yet, rising income inequality and heterogeneity in access to resources is beginning to threaten the sustainability of Africa's growth trajectory, while casting a dark shadow over the continent's ability to cash in on its expected demographic dividend. Doing so will require training and putting to work the new and ambitious generation of workers now coming of age, who will expect to share in on the continent's

riches through abundant employment opportunities. At first glance, Africa's 8% average unemployment rate may not provide reason for concern, particularly as developed countries struggle with double digit figures in the aftermath of the financial crisis. And yet, despite significant variation across the continent, on average, only about 25% of the current working age population is effectively employed in a stable job that results in a pay check at the end of the month. The unemployed are hidden from official statistics, toiling away in subsistence agricultural activities, or in precarious forms of self-employment in the shadows of the formal economy. At current rates of job creation, out of the growing workforce of half a million Africans expected to join the labor market by 2035, less than one third will in fact be met by a wage paying job. Not only does this represent an enormous waste of talent but the mismatch between the expectations of a generation brought up in an environment of visible economic potential and the reality of limited labour market opportunities can be a source of frustration, resentment and social upheaval. The very tail winds of the demographic tide can set the continent on a sustained developmental trajectory, but it can just as much push it adrift.

REFORMAS ESTRUTURAIS PARA A CRIAÇÃO DE EMPREGO

O primeiro passo na abordagem ao iminente desafio do emprego em África é, naturalmente, a criação de mais oportunidades de emprego. Atualmente, grande parte da população encontra-se ainda envolvida em atividades relacionadas com uma agricultura de subsistência. Num segundo lugar, muito distante, emerge o trabalho no comércio, no turismo e no setor manufatureiro, que, em conjunto, empregam cerca de 30% da população. O setor dos recursos naturais, que representa a base de uma parte substancial das presentes taxas de crescimento, emprega menos de 1% da população. Criar novos e melhores empregos em todos estes setores, requer, no entanto, alterações fundamentais na estrutura das economias africanas. Apesar de o facto de haver uma grande percentagem da população no setor agrícola ser frequentemente tido como um sinal de atraso económico, este não tem necessariamente que ser o caso. A atividade agrícola pode ser uma importante e estável fonte de emprego, particularmente em países com os recursos apropriados de terra, clima e mão-de-obra. Transformar a agricultura num setor altamente produtivo requer, no entanto, alterar o seu foco para atividades de agricultura comercial, com base em colheitas de alto rendimento, nas quais os países possuem uma clara vantagem comparativa devido às características do seu solo, topografia ou condições climáticas. Chá e flores no Quênia, pinheiros na Swazilândia e borracha natural na Nigéria são apenas alguns dos exemplos mais recentes de casos de sucesso de exportações, com base em matérias-primas. Muitas economias africanas começam também a aproveitar oportunidades associadas a produtos de maior valor acrescentado (e por vezes semi-processados) tradicionalmente produzidos no Hemisfério Norte, devido à crescente procura por parte dos supermercados de países desenvolvidos para comercializá-los ao longo de todo o ano, como os citrinos, uvas, saladas, abacates e feijão-verde, entre outros. A entrada no setor de agro processamento pode igualmente criar importantes fluxos de rendimento e abrir novos mercados de exportação. Transformar mangas em sumo, castanha de caju em manteiga de caju, petróleo bruto em petróleo refinado e algodão em tecido, podem representar importantes fontes de oportunidades de negócio e emprego em indústrias de transformação agrícola, manufatureiras e, até, em indústrias extrativas. Isto permitirá, também, que uma maior parte da rentabilidade associada à produção agrícola ou à extração de recursos naturais fique no continente.

Em países sem qualquer vantagem comparativa na agricultura, um aumento na produtividade agrícola através da mecanização ou da melhoria das práticas agrícolas, poderá libertar a força de trabalho atualmente subempregue na agricultura, possibilitando a sua transferência para outros setores em crescimento da economia, com maior capacidade de absorção do seu talento e esforço. Uma das grandes questões no debate atual sobre a criação de emprego é o papel que deverá ser assumido pelo Estado. Alguns advogam uma intervenção direta e dirigida, com o objetivo de promover setores que utilizam mão-de-obra intensivamente. Estas políticas devem, contudo, ser desenvolvidas com cautela. Este intervencionismo poderá acabar por favorecer setores não competitivos, em troca da criação de emprego a curto prazo, ou poderá, inclusivamente, encorajar indústrias a renunciarem a uma mecanização mais eficiente, com o objetivo de preservarem postos de trabalho. Estas práticas poderão resultar em ganhos temporários de emprego a curto prazo, mas reduções significativas a longo prazo. Os governos deveriam focar a sua atenção não só em procurar selecionar setores e indústrias para criar benefícios, mas em investir na criação de um bom ambiente de negócios, que promova a inovação, o dinamismo e o aumento de competitividade da atividade produtiva. Uma melhoria do ambiente de negócios iria permitir o desenvolvimento orgânico de setores com maior potencial de crescimento, que acabarão por ser os futuros empregadores. A lista de possíveis intervenções governamentais nesta área é longa. Atualmente, cerca de metade do preço dos produtos agrícolas importados da AS resulta de altos custos de transporte e logística. Estes são, por sua vez, determinados principalmente por ineficiências várias, atrasos e práticas de corrupção nos serviços de transporte, enquanto a carga viaja através do continente africano. Em 2011, transportar um contentor proveniente de uma empresa da África Subsaariana foi, em média, quase duas vezes mais caro que transportá-lo da Índia e seis vezes mais demorado do que enviá-lo a partir dos EUA. Na verdade, um contentor pode levar até 31 dias para ser movido de um armazém para um navio, antes mesmo de começar sua longa viagem marítima para o seu destino final. Uma pesquisa recente revelou que a corrupção, nos serviços portuários e alfandegários, pode aumentar os custos de transporte de um contentor médio até 14%. A atenção dos governos deve assim estar focada no desenvolvimento de sistemas de transporte e logística eficientes, como um passo fundamental para permitir a integração de qualquer setor em África, nas cadeias de produção a nível global.

JOB CREATION. AFRICAN WAY?

The first step in addressing the looming employment challenge in Africa is to create more jobs. At present, most of the population is still engaged in subsistence level agricultural activities. At a very far second come jobs in retail and hospitality, government positions and manufacturing, which taken together employ approximately 30% of the population. The natural resources sector, which is foundational to a large fraction of current growth rates, employs less than 1% of the population. Creating new and better jobs in all of these sectors requires radical policy and structural changes. While having a large share of the population in the agricultural sector is often considered a sign of economic backwardness, this need not be the case. Agricultural practices can be an important and stable source of employment, particularly in countries endowed with the right resources. Transforming agriculture into a high productivity sector requires shifting the focus to commercial farming activities based on high-yield crops in which countries have clear comparative advantage due to soil, topographic or climatic conditions. Tea and cut-flowers in Kenya, pine wood in Swaziland and rubber in Nigeria, are but a few examples of recent commodity-based export successes. Several African economies have also begun to seize opportunities in high value (and at times semi-processed) products traditionally produced in the Northern Hemisphere, due to rising demand for supermarkets in the developed world to carry them year-round such as citrus, grapes, salads, avocados and green beans, among others. Climbing the quality ladder into export competitive agro-processing could also create important new streams of income and open new markets. Turning mangos into juice, cashew kernels into cashew butter and cotton lint into cloth, could represent important sources of business and employment opportunities in downstream agro-processing and manufacturing industries. In countries with no strong comparative advantage in agriculture, increasing agricultural productivity would still release the workforce currently underemployed in agriculture, allowing it to join other growing sectors of the economy that could better absorb their talent and effort. The role the state should play in this process of structural change for job creation is a matter of debate. Some argue for direct and targeted interventions to promote sectors that are labour intensive. These policies should however be crafted with care so that they do not end up favouring uncompetitive sectors in exchange for short-term job creation, or encouraging industries to forego efficiency-increasing mechanization just

to preserve jobs. Governments would be much better off by focusing their attention on creating the right business environment that can foster innovation, productivity and experimentation with more efficient businesses that can become the employers of tomorrow. The list of potential government interventions in this area is long. At present, approximately half of the wholesale price of fresh produce imported from SSA stems from high transportation costs. These are in turn primarily driven by inefficiencies, delays and corruption in overland transport and port services, while cargo is still making its way through the African continent. In 2011, shipping a container from a firm in Sub Saharan Africa was on average almost twice as expensive as shipping it from India, and six times more time-consuming than shipping it from the US. In fact, a container could take up to 31 days to be moved from a warehouse onto a ship, before it even began its long journey North. Recent research has also revealed that corruption in port services and customs can increase transportation costs for the average container by up to 14%. Governments’ attention should therefore be focused on developing efficient systems of transport and logistics, as a critical step to enable the integration of any African business into global supply chains. Similarly, large scale commercial farming and natural resource industries are more often than not operating under a constant threat of expropriation. Reforming property rights systems to guarantee ownership (de facto or de jure) over land and establishing a transparent market for property transactions are both critical to attract long-term investment in these sectors. Removing regulatory constraints to increase competition in the banking and retail sectors, particularly in Southern Africa, would also go a long way in improving access to finance for productive activities, and in boosting the productivity and job creation potential of the retail sector. Finally, the liberalization of labor markets supported by the necessary safeguards to ensure adequate working conditions would encourage firms to hire more workers, and workers to be more productive. Removing these obstacles to general business activity are a much safer bet to foster resilient and employment-generating growth in an evolving competitive landscape, relative to any targeted support Governments provide to sectors they decide to gamble on.

EDUCATION AND JOB PREPAREDNESS

The second step in addressing the employment challenge in Africa is to ensure that the workforce is ready to

Da mesma forma, a agricultura comercial em grande escala e as indústrias de recursos naturais operam frequentemente sob constante ameaça de expropriação. A reforma dos sistemas de direitos de propriedade, de maneira a garantir a posse (de facto ou de jure) sobre a terra, e a criação de um mercado transparente para transações de imóveis são s fatores essenciais para atrair investimentos de longo prazo nestes setores. A eliminação dos obstáculos regulamentares, de forma a aumentar a concorrência no setor bancário e de retalho, especialmente em países da África Austral, também teria um impacto profundo na melhoria do acesso ao financiamento por parte das atividades produtivas e, em particular, no aumento da produtividade e potencial de criação de emprego no setor do comércio a retalho. Finalmente, a liberalização dos mercados de trabalho apoiada nas salvaguardas necessárias que garantissem condições de trabalho adequadas, seria um forte incentivo para as empresas contratarem mais trabalhadores e para estes serem mais produtivos. A remoção destes obstáculos à atividade empresarial em geral são uma aposta muito mais segura para a promoção de um crescimento sustentável, competitivo e gerador de emprego do que qualquer apoio, dirigido por qualquer governo, a um determinado setor, no qual decidam apostar.

REFORMAS EDUCATIVAS

O segundo passo na abordagem ao desafio do emprego em África é garantir que a força de trabalho esteja pronta para ocupar os postos de trabalho criados por uma economia em crescimento. O aumento dos níveis de conclusão do ensino primário e secundário em África (embora a partir de uma base muito baixa) deveria ser encorajador... Ou não? Um olhar mais atento ao estado da educação no continente revela um quadro muito mais complexo: apesar de significativos investimentos na construção de escolas e em trazer alunos para as salas de aula, ainda há pouca evidência de que essa educação está a ser aproveitada da melhor forma. Mesmo na África do Sul, a economia mais sofisticada e diversificada do continente, a taxa de desemprego jovem cresceu para mais de 50% dos recém-formados do ensino secundário. Se o alto custo e esforço incorridos para completar o ensino secundário e terciário não se traduzirem em empregos estáveis, é natural que esta força de trabalho se sinta desmotivada e frustrada. A longo prazo, os investimentos em educação serão inevitavelmente mais reduzidos.

Uma possibilidade é que, apesar do alargamento da cobertura escolar, a qualidade geral e a relevância dos sistemas

de ensino permanecem baixas. Os estudantes ou não estão adquirir os níveis mínimos de competências ou não estão a adquirir as competências necessárias para encontrar emprego na economia de hoje. Enquanto a incompatibilidade entre os conhecimentos adquiridos nas escolas e aqueles que são exigidos pelo mercado representa um grande desafio até para as economias no mundo desenvolvido, esta questão ainda é mais problemática na AS, onde os níveis médios de educação são baixos e as interações entre o setor privado e os educadores tendem a ser limitadas. Educar a nova geração de trabalhadores e prepará-los para o mercado de trabalho requer mudanças fundamentais na maneira como as práticas educativas são concebidas, desenhadas e implementadas. A disponibilização de recursos, trazida pelas atuais taxas de crescimento das economias africanas, oferecem uma excelente oportunidade para iniciar esta revolução no ensino. Vários sistemas educativos africanos, projetados na sequência de disputas coloniais, foram desenvolvidos com a intenção de favorecer o lado mais humanístico e qualitativo das ciências sociais e humanas. Esta era uma prioridade clara numa altura em que os países se esforçavam para recontar as suas próprias histórias e restaurar as suas identidades, mas também para compreender os desafios de uma nova nação, no contexto geopolítico do final do século 20. À medida que estes países procuram agora tornar-se economias globais competitivas, novos investimentos são necessários em ciências exatas e naturais, da engenharia à matemática até às ciências médicas, que são fundamentais para sustentar qualquer processo de crescimento da economia a longo prazo. Isto requer uma mudança estrutural no desenho curricular, na formação do corpo docente e nas ofertas formativas, ao nível do secundário e terciário. A criação de uma força de trabalho eficaz para o futuro exige, também, o repensar do sistema educativo de forma a melhorar o equilíbrio entre os investimentos em educação académica e formação profissional. Apesar de alunos e famílias preferirem, na sua maioria, as competências técnicas que a formação profissional oferece, estudos revelam que ainda existe um estigma generalizado em relação a este tipo de educação, percebido como sendo de qualidade e de status inferiores, em relação a percursos académicos tradicionais. Isto poderá talvez ser reforçado por recentes tendências do setor, devido à proliferação de programas de formação profissional de qualidade duvidosa. Muito tem de ser feito nesta área, de maneira a desenhar currículos adequados, combater o estigma social e estabelecer parcerias eficazes com a indústria e instituições

take on the jobs created by the growing economy. Rising levels of primary and secondary completion across Africa (albeit from a very low base) ought to be encouraging... or should it? A closer look at the state of education in the continent reveals a far more complex picture: despite significant investments in building classrooms and bringing children to school, there is still limited evidence that this education is being put to good use. Even in South Africa, the most sophisticated and diversified economy in the continent, youth unemployment rates have swollen to over 50% of newly minted graduates from secondary education. If the high cost and effort incurred in to complete secondary and tertiary education do not translate into stable jobs, the workforce is bound to become discouraged and frustrated. In the long run, investments in education will inevitably decline. One possibility is that despite the increase in coverage, the overall quality and relevance of educational systems remain low. Students are either not learning any skills or they are not learning the skills that are required to find jobs in today’s economy. While this mismatch between skills provided by schools and those demanded by the market is a pervasive challenge worldwide, including the developed world, it is nowhere more acute than in SSA where average levels of education are low and interactions between the private sector and educators tend to be limited. Educating the new generation of workers and preparing them for the job market requires fundamental changes to the way educational practices are conceptualized, designed and implemented. Several African educational systems designed in the aftermath of colonial disputes were purposefully intended to favour the softer side of social sciences and the humanities. This was a high priority at a time in which countries struggled to recount their own histories and restore their identities, but also to understand the challenges posed to a new nation in the framework of late 20th century geopolitics. As these countries now seek to become competitive global economies, new investments are called for in hard and natural sciences, from engineering to mathematics to medical sciences, which are critical to sustain any process of long-term economic growth. This requires a structural shift in curricula design, faculty training, and course offerings at both secondary and tertiary levels of education, which is yet to fully take place in many Sub-Saharan African countries. Creating an effective workforce for the future also requires rethinking the educational system to improve the balance between investments in academic schooling and vocational training. Though students and families will often prefer the technical skills that a vocational training can offer, surveys reveal that

there is still widespread stigma against this type of schooling, as it is perceived as being of lower quality and status relative to the traditional academic stream. This is perhaps reinforced by recent trends in the sector, due to the proliferation of vocational training programs of dubious quality. Much needs to be done on this front to design adequate curricula, fight social stigma and establish effective partnerships with the industry and existing academic institutions that can ensure the relevance and quality of this type of training. As economies grow, sectors ranging from urban services to engineering, construction to manufacturing, are likely to place a high premium in the type of technical skills provided by vocational training programs. The resulting prospects of improved employability should then encourage more talented youth to openly pursue this type of training. Educational systems and vocational training institutes must also rethink the balance between theoretical, practical and soft skills imparted to their students. Survey data from Sub Saharan Africa have repeatedly shown that employers are particularly concerned with the poor work ethics and lack of basic social and communication skills of prospective employees. This has led to the emergence of several NGO-led remedial programs that attempt to teach the basic principles of how to become an effective communicator, a team worker and someone capable of assuming responsibilities and fulfilling contractual obligations. Ideally, investments in these skills would however be mainstreamed and embedded into educational systems so as to be available to all. Not only are they transversal to all labor market activities, but they also represent a critical complement to any type of hard skill. Classroom practices could change from traditional lecturing to more interactive socratic methods that foster critical thinking and strengthen communication skills. Frequent deadlines, team work activities and opportunities to present and articulate views in public are strategies that could go a long way in improving educational performance and in preparing students for the job market. Reducing the mismatch between skills taught and sought in the labor market also requires making more and better data available on career options and on the returns to different schooling options. Families and students would benefit from having access to job placement rates of academic and non-academic institutions, and from having more information on the skill set required by employers in different sectors. This is critical not only to ensure the accountability of all stakeholders involved, from schools to vocational training institutes to companies, but also to allow students to make more informed decisions and



Shot-B: “Hontim, hoje e amanhã”, 2011-13. © Ana Lúcia Cruz

acadêmicas existentes, que possam assegurar a relevância e a qualidade deste tipo de formação. O rápido crescimento das economias africanas vai continuar a criar enormes necessidades de mão-de-obra, com competências técnicas nos setores mais variados, desde os serviços urbanos à engenharia, da construção à indústria. As perspectivas resultantes da melhoria da empregabilidade devem, desta maneira, incentivar os jovens mais talentosos a prosseguirem abertamente este tipo de formação. Os sistemas de ensino e centros de formação profissional devem repensar também no equilíbrio entre os conhecimentos teóricos, práticos e competências básicas transmitidas aos seus alunos. Pesquisa recente na África Subsaariana tem indicado, repetidamente, que os empregadores estão particularmente preocupados com a falta de ética de trabalho e de competências sociais básicas e de comunicação, por parte dos candidatos a empregos. Esta realidade tem levado várias ONGs a desenvolverem programas corretivos que procuram ensinar os princípios básicos de como se tornar um comunicador eficaz, um trabalhador de equipa e alguém capaz de assumir responsabilidades e cumprir obrigações contratuais. Contudo, idealmente, os investimentos nestas competências seriam integrados nos sistemas de ensino existentes, de modo a estarem acessíveis a todos. Estas competências são não só transversais a todas as atividades do mercado de trabalho, mas representam também um complemento fundamental para qualquer tipo de competência académica ou técnica. As práticas nas salas de aulas poderiam mudar das tradicionais palestras para métodos socráticos mais interativos, que promovem o pensamento crítico e fortalecem competências de comunicação. Prazos frequentes, atividades de trabalho em equipa e oportunidades regulares para apresentarem e discutirem diferentes pontos de vista em público, são estratégias que podem ter um impacto profundo na melhoria do desempenho escolar e na preparação dos estudantes para o mercado de trabalho. Reduzir o desfasamento entre as competências ensinadas e as que são procuradas pelo mercado de trabalho exige a disponibilidade de mais e melhores dados em relação às opções de carreira e ao retorno esperado em cada opção de escolaridade. As famílias e estudantes beneficiariam no acesso às taxas de empregabilidade de cada instituição académica e não-académica e no acesso a mais informação sobre o conjunto de competências exigidas pelos empregadores em diferentes setores. Isto é fundamental, não só para garantir a prestação de contas por todas as partes envolvidas, desde escolas a institutos de formação profissional

e a empresas, mas também para permitir aos alunos a tomada de decisões mais informadas e o ajustamento das suas expectativas às condições reais do mercado. Este aumento de transparência permitiria desenvolver a estrutura de incentivos necessários para que as escolas também investissem mais no apoio dado aos seus alunos, que entram pela primeira vez no mercado de trabalho, ajudando-os no desenvolvimento dos seus currículos, na preparação para entrevistas de emprego, orientando-os sobre onde e como se candidatarem a um emprego, entre outros. Vários países já conseguiram aproximar as suas escolas às oportunidades no mercado de trabalho, desde uma fase muito precoce na carreira dos alunos. Na Índia e em partes da América Latina, colaboradores de ONGs conseguiram, com sucesso, ir de porta em porta informando os pais sobre as oportunidades de emprego e perspectivas salariais em diferentes setores, nomeadamente na restauração, no turismo e nas telecomunicações. A intensificação de algumas destas iniciativas e campanhas informativas pode ser tremendamente facilitada pelo uso generalizado de tecnologias de comunicação, como telefones celulares, permitindo a divulgação de informação a um reduzido custo. Na Suíça e na Alemanha, os alunos do ensino superior e os seus pais visitam regularmente fábricas e empresas de maneira a conhecerem futuras oportunidades de emprego e estágios em diferentes indústrias. Esquemas semelhantes de mentoring (tutoria) e colocação de recém-licenciados em estágios oferecem enormes vantagens para jovens à procura de emprego. Os estágios reduzem o risco que as empresas enfrentam quando contratam recém-licenciados e proporcionam aos candidatos a oportunidade de mostrarem as suas competências e iniciarem um percurso profissional. Num curto prazo, os programas corretivos, que fazem a ponte entre competências básicas de ensino escolar e as competências profissionais de comunicação e ética profissional, bem como as iniciativas que ajudam os recém-licenciados a navegarem no mercado de trabalho, podem melhorar a compatibilidade entre a presente força de trabalho e as oportunidades existentes. Num longo prazo, as expectativas originam uma mais eficiente correspondência no mercado de trabalho, entre competências oferecidas e requeridas, resultando em empresas mais produtivas traduzindo-se numa maior criação de emprego. No entanto, apesar da importância em aproximar os sistemas de ensino às dinâmicas do mercado de trabalho, o objetivo principal não deve passar por tornar os sistemas de ensino responsáveis por atender exclusivamente às necessidades do setor privado. Isso

adjust their expectations to actual market conditions. This increased transparency would create the right incentive structure for schools to invest more in supporting their graduates entering the labor market for the first time, by assisting with developing CVs, preparing for job interviews, explaining industry trends, providing guidance on where and how to apply to jobs, among others. Several countries have succeeded in bringing schools closer to job market opportunities from a very early stage in students' careers. In India and in parts of Latin America, NGO-led outreach workers have successfully gone door to door to inform parents about employment opportunities and wage prospects in different sectors ranging from hospitality to services. Scaling up some of these initiatives and informational campaigns can be greatly facilitated by the widespread use of communication technology, which can disseminate information at low marginal cost, while establishing direct connections between job candidates and employers. In Switzerland, high school students and their parents are led on field trips to factories and companies to learn about future employment and internship opportunities in different industries. Similar mentoring and matching schemes that place recent graduates in internship opportunities offer a promising way forward. Internships reduce the risk companies incur in when hiring new graduates while providing the job candidates with a chance to showcase their skills and start an employment record. In the short run, the remedial programs that bridge hard and soft skills and help young graduates navigate the labor market may improve the match between the current workforce and existing vacancies. In the long run, the expectation is that more efficient labor matches result in more productive firms, which can translate into future job creation. Overall, reshaping the educational systems and labor market dynamics represents an exciting, if daunting, path ahead. Priorities should be set according to the main challenges faced by each particular country and the resources available, but initiatives should also be thoroughly tested and evaluated to identify what works and what doesn't. This experimentation is likely to result in an evolving mosaic of different schooling systems adapted to the specifics of each region in SSA. But, while bringing educational systems closer to labor market dynamics is important, the overarching goal should not be to render educational systems accountable to, and exclusively responsible for, meeting private sector needs. This would swing the pendulum too far out in the opposite direction of where it is today. First and foremost, education must continue to fulfil the goal of

providing the foundations of critical and analytical thought, and to provide enough space for intellectual growth and free thinking. Moreover, it is not clear that employers themselves know exactly what combination of technical and non-technical skills job seekers ought to bring to the company in order to become productive and innovative employees. The skill set required to complete today's task may differ significantly from the skill set required to prepare the company for a more challenging and competitive tomorrow. The focus should therefore lie on a set of core transferable skills, transversal to different job types, which will equip the workforce with the ability to be productive and adaptive, in the fast-evolving economic context that they are bound to encounter.

poderia fazer balançar o pêndulo demasiado longe, na direção oposta de onde está hoje. Em primeiro lugar, o mais importante é que a educação continue a cumprir o objetivo primordial de fornecer as bases para o pensamento crítico e analítico, criando espaço suficiente para a curiosidade e o crescimento intelectual. Além disso, não é claro que os próprios empregadores saibam exatamente a combinação de competências técnicas e não-técnicas que os candidatos devem trazer para a empresa, de maneira a tornarem-se funcionários produtivos e inovadores. O conjunto de competências necessárias à realização da tarefa de hoje pode ser significativamente diferente do conjunto de competências necessárias para preparar a empresa para um amanhã mais dinâmico, inovador e competitivo. O foco deve estar, por isso, num conjunto de competências nucleares transferíveis, transversais a diferentes tipos de atividade, que irão equipar a força de trabalho com a capacidade de ser produtiva e adaptável, no contexto da rápida evolução económica que, inevitavelmente, irá encontrar.

No geral, a reformulação dos sistemas de ensino e das dinâmicas do mercado de trabalho representam um enorme mas inevitável desafio para o continente africano. As prioridades devem ser definidas de acordo com as dificuldades específicas que cada país enfrenta e com os recursos disponíveis. Novas iniciativas e reformas de políticas educativas devem, no entanto, ser testadas e avaliadas rigorosamente de maneira a identificar o que funciona e o que não funciona. Esta experimentação contínua e a adaptação aos resultados de programas piloto irá, provavelmente, resultar num mosaico, em constante evolução, de diferentes sistemas de ensino adaptados às especificidades de cada região da AS.

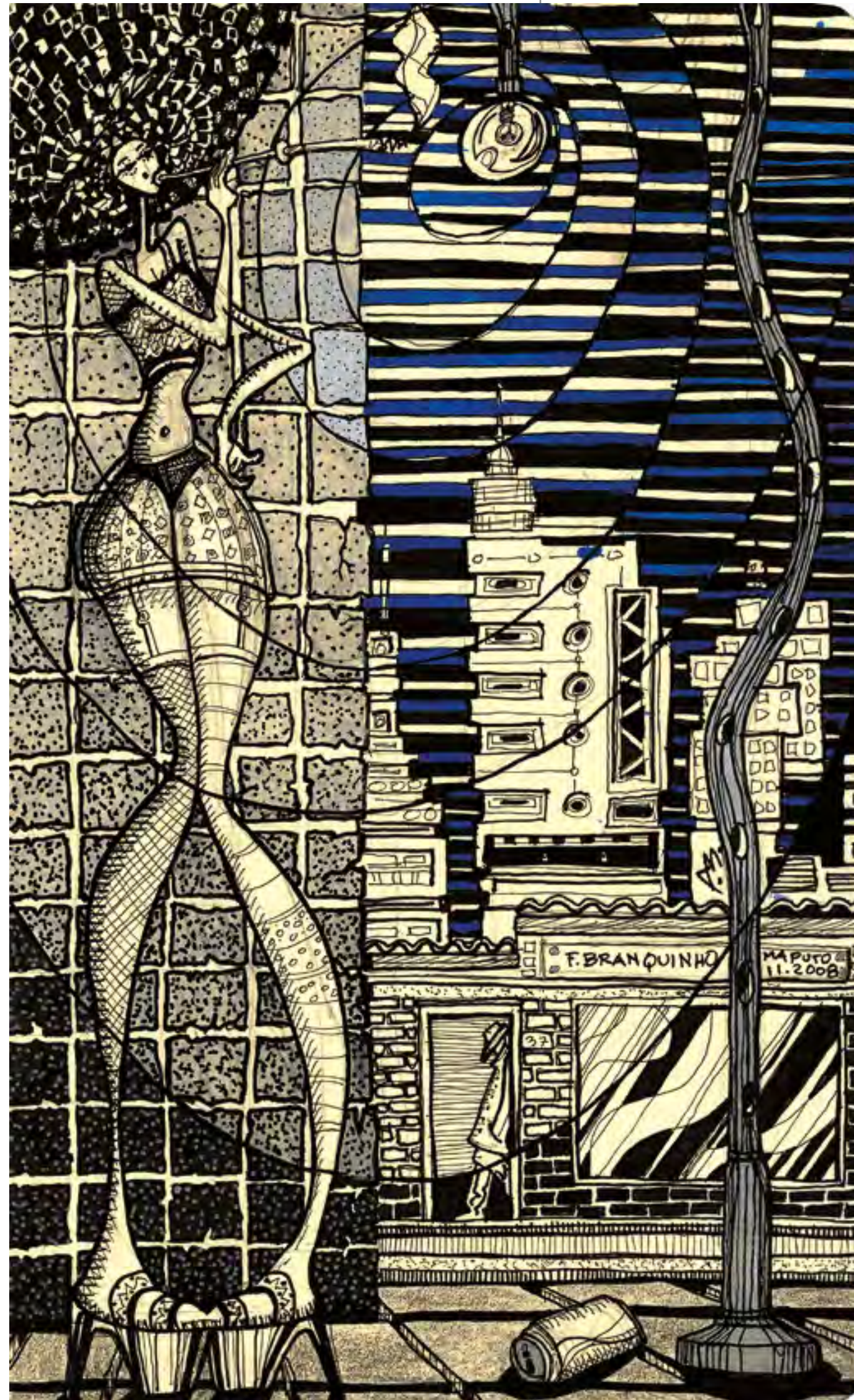
Reformas estruturais do ambiente de negócios, de forma a favorecer a criação de emprego e reformas dos sistemas de educação deverão ser áreas prioritárias (e complementares) que vão permitir ao continente Subsariano fazer face ao maior desafio que se avizinha: o de ocupar uma força laboral, que vai exigir o desempenho de um papel importante no crescimento do seu continente nas próximas décadas.



FILIPPE BRANQUINHO

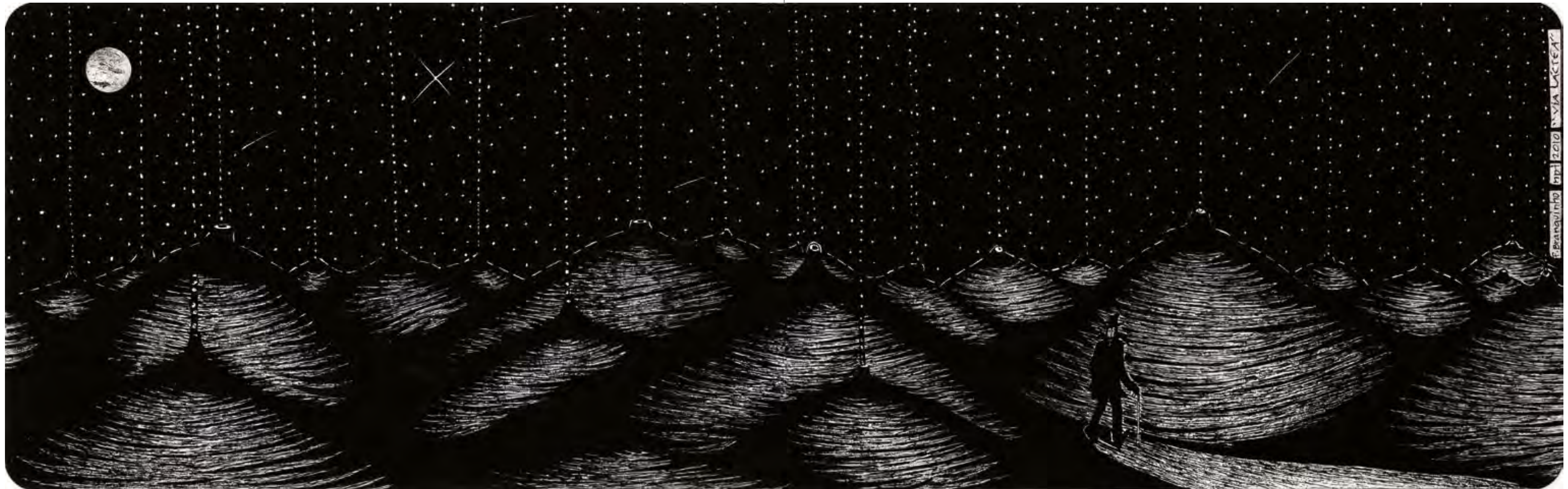
Ilustrações / Illustrations
tinta da china sobre papel de caderno moleskine
indian ink on moleskine sketchbook paper

Filipe Branquinho, "Da Man 05", 2008



Filipe Branquinho, "Jarra com flores / Vase with flowers", 2008





Filipe Branquinho, "Via Láctea", 2010

GHETTO SIX. A ANTROPOLOGIA OCUPA ESPAÇO

O bairro 6 de Maio, na Damaia, concelho de Amadora, às portas de Lisboa, é um bairro autoconstruído que abriga, desde o final da década de 1970, uma comunidade de origem maioritariamente cabo-verdiana. Ao longo dos anos, e com enormes sacrifícios, as casas foram construídas aos fins-de-semana e nos raros dias de folga do trabalho. Os quartos foram pintados, as janelas montadas, as fachadas rebocadas, as casas de banho instaladas. Antenas e parabólicas. Os filhos cresceram, brincaram, choraram nas ruas que surgiam do nada. Onde só havia fábricas, surgiu uma aldeia, um mundo. Crioulo, música, bares. Barbeiros, namoros, putas. Escola, rap, humidade, frio. Polícia, assistentes sociais, SEF. Labirintos de becos, labirintos institucionais. Casa Pia, centros educativos, prisões.

Estigmatizado por razões de 'desordem pública' e de tráfico de droga, e alvo, portanto, de intervenções violentas pela polícia, o 6 de Maio está a ser demolido e vai ser destruído até 2015, enquanto a sua população está a ser realojada, segundo um esquema de 'saneamento urbano' já aplicado a outras urbanizações espontâneas, na área da grande Lisboa. *Ghetto Six* (assim o bairro foi rebatizado pelos jovens) é uma instalação etnográfica baseada na pesquisa que desenvolveu no bairro, entre 2011 e 2012, e inspirada nas histórias de vida dos seus moradores¹. Ao mesmo tempo, uma reflexão sobre as contradições e violências que caracterizam hoje o Portugal pós-colonial e a Europa de Schengen, e uma homenagem à vida social de um bairro destinado ao desparecimento, *Ghetto Six* pretende evocar a precariedade mas também a criatividade e a estética de uma forma de vida.

O objetivo foi realizar uma intervenção que juntasse arte e pesquisa, explorando, por um lado, as possíveis sobreposições entre arte contemporânea e etnografia (Schneider e Wright, 2006, 2010), mas também entre arte contemporânea, antropologia visual e intervenção pública. *Ghetto Six*

configura-se, assim, como uma intervenção visual que surge de uma etnografia engajada, algo entre uma *applied visual anthropology* (Pink, 2009), uma exibição experimental (Macdonald e Pasu, 2007) e uma arte pública urbana.

Ghetto Six utiliza materiais que sobram das operações de demolição das casas (painéis de vários materiais, portas, portas de estantes, ondulados de alumínio, madeiras, etc.) como suportes. Materiais semanticamente densos, visualmente apelativos, que nos refletem o lugar, que testemunham a relação e a presença no sítio. Portas, janelas, madeiras de móveis. Chapas de zinco e fragmentos de Eternit (fibrocimento). Materiais de uso quotidiano, nos quais se estruturou a vida social – o desgaste das madeiras, o realce do verniz, traduzem, à vista, a história e as suas violências. O museu é o mundo, utilizando o título de uma recente exposição retrospectiva sobre o artista brasileiro Hélio Oiticica (Oiticica Filho, 2012), cujo fascínio pela estética das favelas emerge nos seus 'Parangolés'.

Tudo começou com a formulação do '*Parangolé*', em 1964, com toda a minha experiência com o samba, com a descoberta dos morros, da arquitetura orgânica das favelas cariocas (e consequentemente outras, como as palafitas do Amazonas) e, principalmente, das construções espontâneas, anónimas, nos grandes centros urbanos – a arte das ruas, das coisas inacabadas, dos terrenos baldios etc. (Hélio Oiticica, 4 de Março de 1968) Estes materiais têm uma beleza própria, uma estética da autoconstrução, da favela, do morro. O bairro 6 de Maio guarda estruturas e recantos que o artista angolano António Ole poderia desmontar e remontar em galerias de arte contemporânea, em Berlim ou Nova Iorque. As cores das paredes, agora expostas nas casas destruídas: azuis fortes, vermelhos intensos, verdes. O brilho das chapas, o cinzento dos blocos de cimento. Os bocados de madeira recuperada a edificar paredes e quartos.

GHETTO SIX. ANTHROPOLOGY OCCUPIES SPACE

LORENZO BORDONARO
EBANO - EBANOCOLLECTIVE.ORG

Bairro 6 de Maio, in Damaia, in the municipality of Amadora, on the outskirts of Lisbon, is a self-built neighbourhood which has been home since the late 1970's to a community of mostly Cape Verdian origin. Over many years, at great personal cost, the residents built their houses at weekends and on their rare days off work. Bedrooms were painted, windows fitted, walls grouted and bathrooms installed. Aerials and satellite dishes. The children grew up, played and cried in the streets which emerged out of nothing. Where once there were just factories, a village took shape, a world. Creole, music, bars. Barbershops, courting couples, hookers. School, rap, damp, cold. Police, social workers, Immigration Service. A maze of alleys, a maze of institutions. *Casa Pia*, educational centres, prisons. Stigmatized as a threat to public order and hive of drug-dealing, and consequently subject to violent intervention by the police, the Bairro 6 de Maio is due for demolition and will be razed by 2015, whilst its residents are being rehoused, in keeping with an "urban regeneration" model previously applied to other spontaneous settlements in the Greater Lisbon area. *Ghetto Six* (as the *bairro* has been renamed by its young people) is an

the site. Doors, windows and bits of wooden furniture. Zinc sheeting and fragments of Eternit (fibre cement). Everyday materials, on which social life built up in strata – worn pieces of wood and the sheen of varnish offer a glimpse of history and violent encounters. The museum is the world, to use the title of a recent retrospective on the Brazilian artist Hélio Oiticica (Oiticica Filho, 2012), whose fascination with the aesthetic of the *favelas* can be seen in his *Parangolés*. Everything started with the formulation of the 'Parangolé', in 1964, with all my experience with samba, with the discovery of the *morros* (*favela*-like slums), the architecture of the *favelas* in Rio de Janeiro (and consequently others, such as the *palafitas* in Amazonia), and, most of all, the spontaneous and anonymous constructions in large conurbations – the art of the streets, of unfinished things, of empty lots etc. (Hélio Oiticica, 4 March 1968). These materials have their own beauty, a self-built aesthetic, drawn from the *favela* and *morro*. Bairro 6 de Maio is home to structures and corners that the Angolan artist António Ole could dismantle and reassemble in contemporary art galleries, in Berlin or New York. The colours of the walls, exposed to view in

© Vítor Barros – EBANOCollective



A escolha destes materiais foi também claramente uma afirmação política, levando o observador da experiência estética da 'obra' para a dimensão de violência estrutural que marca a vida quotidiana no bairro 6 de Maio. Os materiais não só presentificam a quotidianidade do seu uso, como apontam para a violência da demolição dos espaços domésticos. Testemunham a contradição violenta entre o esforço de criar uma 'casa' (e o trabalho do tempo sobre os materiais que faz de uma habitação uma 'casa') e a lógica do ordenamento urbano e da missão civilizadora das instituições do estado.

A esta base material, sobrepõem-se histórias e personagens que marcaram a etnografia no bairro. Vultos, frases, ideias visuais, sintetizam e expandem o processo da pesquisa etnográfica e apontam – às vezes de forma irónica, às vezes em tons de acusação – para os sintomas e os efeitos da violência estrutural, que caracteriza a quotidianidade do bairro. Os temas do acesso à nacionalidade, da liberdade individual, da identidade cabo-verdiana, das questões ambientais e dos materiais potencialmente perigosos utilizados para a construção das casas, da violência policial, da criatividade que a

vida no bairro manifesta, foram traduzidos numa linguagem gráfica e imediata. Foram utilizadas propositalmente técnicas próprias da arte de rua (*spray*, esmaltes, *stencil*) e cores brilhantes e fortes, que ressoassem com o cromatismo próprio do bairro e com a sua dimensão urbana e periférica. Logo depois da sua realização, no verão de 2012, *Ghetto Six* integrou a exposição coletiva "Woundscape" (2012, Museu da Cidade, Lisboa, curadoria de Chiara Pussetti e Vítor Barros). Em janeiro de 2013 foi transferida, como o projeto previa desde o início, para o bairro 6 de Maio e instalada nos seus espaços públicos, onde vai permanecer até data indefinida, tornando-se parte do próprio bairro até a sua destruição final. Os restos da demolição voltaram assim ao seu contexto de origem, mas transformados em elementos visuais de crítica social, dentro do espaço urbano. De facto, o projeto *Ghetto Six* não são só as peças da exposição. É a sua circulação que revela a sua essência e que a caracteriza como intervenção no espaço urbano. *Ghetto Six* retira os destroços da violência perpetrada no bairro, torna-os elementos de uma etnografia visual e desloca-os para um lugar consagrado da arte (o museu).

ethnographic installation based on research I conducted in the area, in 2011 and 2012, and inspired by the life stories of its residents¹. Both a reflection on the contradictions and violence characteristic of post-colonial Portugal and Schengen zone Europe and a tribute to the social life of a doomed neighbourhood, *Ghetto Six* seeks to evoke the precarious, but also creative and aesthetic feel of a way of life. The aim was an intervention that combined art with research, exploring the possible overlaps not just between contemporary art and ethnography (Schneider and Wright, 2006, 2010), but also between contemporary art, visual anthropology and public intervention. *Ghetto Six* accordingly takes the form of a visual intervention growing out of engaged ethnography, somewhere between *applied visual anthropology* (Pink, 2009), an experimental exhibition (Macdonald and Pasu, 2007) and public urban art. *Ghetto Six* uses as supports materials left behind from the demolition of houses (panels of various materials, doors, cupboard doors, corrugated aluminium, wood, etc.). Materials which are semantically dense, visually appealing, that evoke the place and bear witness to relationships and presences at

demolished houses: bright blues, deep reds, greens. The luster of metal sheeting, the grey of cement blocks. Bits and pieces of wood put together to build a wall and rooms. The choice of these materials was also clearly a political statement, leading the observer of the aesthetic experience of the "work" to the dimension of structural violence that marks everyday life in Bairro 6 de Maio. The materials not only evoke the everyday nature of their use, but also point to the violence involved in the demolition of domestic spaces. They bear witness to the violent contradiction between the effort of creating a "home" (and the effect of time on the materials that make a house a "home") and the logic of urban planning and the civilizing mission of State institutions. These physical materials are then overlaid with stories and characters that have added to the ethnography of the *bairro*. Faces, sentences and visual ideas sum up and expand the process of ethnographical research and point – sometimes ironically, sometimes in an accusing tone – to the symptoms and effects of the structural violence characteristic of everyday life in the *bairro*. Questions of nationality requirements, individual freedom, Cape Verdian

As casas do bairro desaparecem frente às escavadoras municipais, mas fragmentos do bairro reaparecem no museu. Depois, com a reinstalação da exposição no 6 de Maio, o museu aparece no bairro, deslocando novamente olhares, surpreendendo os moradores. No fim, *Ghetto Six* junta o seu destino ao do bairro, desaparecendo nas operações de demolição.

Ghetto Six propôs ocupar o lugar da ‘arte’ com fragmentos de etnografia, e o lugar da etnografia com objetos ‘artísticos’, produzindo um interferência nos circuitos estabelecidos da academia e, simultaneamente, da arte contemporânea. Configura-se, assim, como uma intervenção que altera e sobrepõe os percursos físicos da arte, da pesquisa académica e da intervenção social, no espaço da cidade. É uma intervenção visual que se opõe ao elitismo autorreferencial de muitas tendências das artes contemporâneas e à separação entre a academia e o mundo, propondo uma arte crítica como uma forma de ativismo, que se traduza em intervenções visuais públicas.

Nesse percurso traçado pelo *Ghetto Six* no espaço da cidade de Lisboa, as perspetivas cruzam-se, o apelo, a afirmação política e a denúncia fundem-se com o saber, na exibição figurativa. Arte, etnografia e intervenção estratificam-se num só objeto, cujos significados se alteram ao longo do seu trajeto elíptico através da cidade.

1 A pesquisa foi financiada pela FCT portuguesa no âmbito do projeto “Immigrants and the social care sector: technologies of citizenship in Portugal” (PTDC/CS-ANT/101179/2008) e desenvolvida no âmbito do CRIA - Centro em Rede de Investigação em Antropologia.

Galerias de fotografias do projeto *Ghetto Six* em www.ebanocollective.org

Agradecimentos

Apesar de não ser um projeto participativo, muitas pessoas têm-me ajudado na realização de *Ghetto Six*. Agradeço, de forma particular, a Júlio, Sheila, Titi, Moreno, Déo, Sara, Elettra, Chiara, Vítor, e Alexandra.

Textos citados

Pink, Sarah, org. 2009. “Visual Interventions: Applied Visual Anthropology”. Nova Iorque: Berghahn Books.
Schneider, Arnd e Christopher Wright, orgs. 2006. “Contemporary Art and Anthropology”. Oxford: Berg.
Schneider, Arnd e Christopher Wright, orgs. 2010. “Between Art and Anthropology: Contemporary Ethnographic Practice”. Oxford: Berg.
Macdonald, Sharon, e Paul Basu, orgs. 2007. “Exhibition Experiments”. Malden, Mass: Wiley-Blackwell.
Oiticica Filho, César, org. 2012. “Hélio Oiticica. O museu é o mundo”. Rio de Janeiro: Beco do Azougue.

identity, and issues relating to the environment and the potentially dangerous materials used to build the houses, political violence, the creativity evident in neighbourhood life: all this has been translated into a graphic and immediate language. A deliberate decision was made to use street art techniques (spray paint, enamel and stencils) and bright, bold colours that reflect the actual tones of the *bairro* and its urban and outlying condition.

Soon after being created, in summer 2012, *Ghetto Six* was included in the group show “Woundscape” (2012, Museu da Cidade, Lisbon, curated by Chiara Pussetti and Vítor Barros). In January 2013 it was transferred, as planned from the outset, to Bairro 6 de Maio where it was set up in public areas, and where it will remain indefinitely, as part of the neighbourhood itself, until its final destruction. The debris of demolition has accordingly been returned to its original source, but transformed into social criticism expressed by visual means, within the urban environment.

The *Ghetto Six* project is more than just the exhibition pieces. Its essence is to be found in its mobility, which is what makes it an intervention in the urban environment. *Ghetto Six* removes the debris from the violence perpetrated on the *bairro*, fashioning it into visual ethnography and displacing it to a place consecrated to art (the museum). The houses of the *bairro* vanish under the municipal bulldozers, but fragments of the *bairro* reappear in the museum. Then, with the transfer of the exhibition to the 6 de Maio, the museum appears in the *bairro*, once again shifting people’s gaze, and surprising the residents. In the end, *Ghetto Six* shares in the fate of the *bairro*, disappearing in the demolition operation.

Ghetto Six sets out to claim the place of ‘art’ with fragments of ethnography, and the place of ethnography with ‘artistic’ objects, producing an interference in the established circuits of academe, and at the same time in those of contemporary art. This is accordingly an intervention in which the physical geographies of art, academic research and social intervention are altered and superimposed, in the urban environment. It is a visual intervention that resists the self-referential elitism of many tendencies in the contemporary arts and the separation between academe and the world, proposing a critical artistic practice as a form of activism, manifest in visual interventions in public.

In the journey mapped out by *Ghetto Six* through urban Lisbon, perspectives intersect, protest, political affirmation and denunciation merge with understanding, in the figurative display. Art, ethnography and intervention form strata on a single object, whose meaning changes over the course of its elliptical journey through the city.

1 The research was funded by the FCT (Foundation for Science and Technology) as part of the project on “Immigrants and the social care sector: technologies of citizenship in Portugal” (PTDC/CS-ANT/101179/2008) and developed through CRIA - Centro em Rede de Investigação em Antropologia.

Photo galleries documenting the Ghetto Six project at www.ebanocollective.org

Acknowledgements

Although not a project involving other participants, a lot of people have helped me create *Ghetto Six*. My special thanks go to Júlio, Sheila, Titi, Moreno, Déo, Sara, Elettra, Chiara, Vítor, and Alexandra.

Citations

Pink, Sarah, org. 2009. “Visual Interventions: Applied Visual Anthropology”. New York: Berghahn Books.
Schneider, Arnd and Christopher Wright, orgs. 2006. “Contemporary Art and Anthropology”. Oxford: Berg.
Schneider, Arnd and Christopher Wright, orgs. 2010. “Between Art and Anthropology: Contemporary Ethnographic Practice”. Oxford: Berg.
Macdonald, Sharon, and Paul Basu, orgs. 2007. “Exhibition Experiments”. Malden, Mass: Wiley-Blackwell.
Oiticica Filho, César, org. 2012. “Hélio Oiticica. O museu é o mundo”. Rio de Janeiro: Beco do Azougue.

© Vítor Barros – EBANOCollective



BIOGRAFIAS / BIOGRAPHIES

ABRAÃO VICENTE

(Assomada, 1980)

Nasceu no interior da ilha de Santiago, em Cabo Verde, numa família numerosa, sendo o sexto de oito irmãos. Em casa encontrou no pai e no avô, estudiosos da língua crioula e da cultura da ilha, o gosto pela literatura e pelas artes. Fez os estudos na Vila de Assomada e na Cidade da Praia e, com dezoito anos, seguiu para Lisboa onde cursou sociologia, pela Universidade Nova de Lisboa, com tese sobre a construção do campo artístico em Portugal durante o séc. XX. Entre exposições individuais e coletivas, passou um período em Barcelona onde foi um dos programadores e artista do espaço de experimentação artística miscelânea. Atualmente vive em Cabo Verde onde, a par das artes plásticas, já exerceu a função de jornalista e é um ativista social e cronista.

Born in the interior of the island of Santiago, in Cape Verde, in a large family, the sixth of eight children. He first developed a taste for literature and the arts at home, from his father and grandfather, devotees of the Creole language and the island's culture. He studied in Vila de Assomada and in Praia and, at the age of eighteen, travelled to Lisbon to study sociology at Universidade Nova de Lisboa, where he eventually presented a thesis on the construction of the artistic domain in Portugal during the twentieth century. With a series of individual and group shows, he spent a period in Barcelona where he was one of the curators and artists at the experimental arts centre Miscelanea. He currently lives in Cape Verde where he has worked as a journalist and columnist, in addition to his work in the visual arts and his social activism.

ARILSON NENASS ALMEIDA

(Mindelo, 1984)

Estudou Ciências da Comunicação, na Universidade Lusófona de Cabo Verde, fez um curso profissional de Cinema, na Escola de Arte do Mindelo, e frequentou uma formação de Introdução à fotografia, na galeria Zero point art, com o fotógrafo Binu Bhaskar. Realizou, em 2011, as curtas-metragens “Nós Casa” e “Um Giro na Nóia”. É diretor de fotografia desde 2011 e, atualmente, trabalha na série televisiva “Soncent Tal e Qual se Sente”, realizada no Mindelo. Faz fotografia de moda.

His educational background includes Media Studies at the Universidade Lusófona de Cabo Verde, vocational studies in film making at the Escola de Arte do

Mindelo and an introductory course in photography at the Zero point art gallery, with the photographer Binu Baskar. In 2011 he directed two short films, “Nós Casa” and “Um Giro na Nóia”. Director of photography since 2011, currently working on the TV series “Soncent Tal e Qual se Sente”, produced in Mindelo. Works as a fashion photographer.

AZAGAIA

(Namaacha, 1984)

Rapper moçambicano de intervenção social e política, redator publicitário, lançou o seu primeiro disco de originais em 2007 e, por causa do tema “Povo no poder”, foi acusado de crime contra a segurança de Estado, por incitação à violência, tendo sido depois ilibado graças à intervenção da Liga dos Direitos Humanos. Desde essa altura, a sua música vem sofrendo censura no seu país. Em 2009, participou no encontro sobre direitos humanos na cidade da Praia (Cabo Verde). Em 2010, na Dinamarca, participou em *workshops* sobre música de intervenção social. Em 2011, participou num seminário sobre música como instrumento de intervenção política em Oslo (Noruega). Atualmente, prepara o seu segundo disco de originais intitulado “Cubaliwa”. Mozambican rapper with a social and political message, and advertising copy-writer, he launched his first album of original music in 2007. The track “Povo no poder” (“People in power”) led to criminal charges for offences against State security, on the grounds of incitement to violence, but he was later cleared thanks to the intervention of the Human Rights League. His music has since been subject to censorship in his home country. In 2009, he took part in a symposium on human rights in the city of Praia, Cape Verde. In 2010, in Denmark, he took part in workshops on socially engaged music. In 2011, he took part in a seminar on music as a means of political intervention in Oslo (Norway). He is currently working on his second album of original music, entitled “Cubaliwa”.

BENTO OLIVEIRA

(Santo Antão, 1973)

Aos 13 anos foi estudar para S. Vicente onde começou os primeiros registos em desenho, refletindo suas atitudes perante a vida nas suas dimensões geográficas e humanas. No Brasil (Amazônia), licenciou-se em Educação Artística - Artes Plásticas, pela Universidade

Federal do Pará. Regressou a Cabo Verde, em 2002. Para além de docente na área das artes visuais, tem realizado cenografias para teatro e exposições individuais e coletivas, apresentadas em diversos países. É, desde 2011, assessor para as Artes Visuais do Ministro da Cultura. At the age of 13 he went to study on São Vicente where he produced his first drawings, reflecting his attitudes to life in its varying geographical and human dimensions. In Brazil (Amazonia), graduated in Artistic Education - Visual Arts, at the Federal University of Pará. He returned to Cape Verde in 2002. In addition to teaching in the field of the visual arts, he has designed stage sets and exhibited his work in individual and group shows, in a number of countries. Visual arts advisor to the Minister of Culture since 2011.

CAMILA DE SOUSA

(Moçambique, 1985)

Estudou Ciências Sociais, com um enfoque para a Antropologia Visual e a Antropologia da Arte. A partir da fotografia e do vídeo, suportes para a reflexão que tem desenvolvido sobre as relações Arte, Corpo e Ciência, concebeu “3x4”, um projeto sobre representações do corpo feminino encarcerado que a levou a viver, durante 1 ano, o quotidiano de duas prisões femininas de Moçambique. “3x4” foi parcialmente apresentado em três exposições coletivas e no âmbito do Programa Próximo Futuro da Fundação Calouste Gulbenkian. Atualmente está a desenvolver um projeto fotográfico sobre homo-afetividades, em Moçambique. Studied Social Sciences, with a special focus on visual anthropology and the anthropology of art. Using photography and video as the media for her reflections on the relations between art, the body and science, she produced “3x4”, a project on representations of the imprisoned female body, which led her to experience everyday life in women's prisons in Mozambique, over a period of 1 year. “3x4” has been partially presented in three group exhibitions and as part of the Next Future Programme organized by the Calouste Gulbenkian Foundation. She is currently working on a photographic project on homo-affectivities, in Mozambique.

CELESTINO MUDAULANE

(Maputo, 1972)

Concluiu o nível médio de Cerâmica na Escola Nacional de Artes Visuais de Maputo, em 1992, onde é docente desde 1993. Participou, em 2007, na residência artística “Sítio das Artes”, inserida no Fórum Cultural O Estado do Mundo (Fundação Calouste Gulbenkian). É licenciado em Sociologia pela Universidade Eduardo Mondlane. Tem realizado diversas exposições coletivas e individuais, em Moçambique e

na Europa. Os seus trabalhos integram diversas coleções institucionais e privadas. É membro fundador do Movimento de Arte contemporânea de Moçambique, Muvart. Studied ceramics at the Escola Nacional de Artes Visuais de Maputo, where he completed his course in 1992 and has taught since 1993. In 2007, took part in the “Sítio das Artes” artists’ residency as part of the Cultural Forum on “The State of the World” (Calouste Gulbenkian Foundation). Degree in sociology from Universidade Eduardo Mondlane. He has shown his work in several group and individual shows, in Mozambique and in Europe. His work is featured in a number of institutional and private collections. Founding member of Muvart, the Contemporary Art Movement of Mozambique.

DIOGO BENTO

(Trás-os-Montes, 1984)

Estudou Arquitetura Paisagista e Fotografia. Coordenou um projeto de organização e conservação da coleção de fotografia Foto Melo, no Mindelo, Cabo Verde, e a exposição Espelho de Prata, enquanto bolseiro do programa INOV-Art, em parceria com o Instituto Camões/Centro Cultural Português no Mindelo e financiamento adicional da Fundação Calouste Gulbenkian. O seu trabalho em fotografia tem vindo a desenvolver-se nas áreas do arquivo, da memória e da paisagem. Desde 2011, desenvolve um projeto sobre Amílcar Cabral. Mais recentemente destacam-se dois projetos sobre a identidade, o património e a paisagem cabo verdianos.

Studied landscape architecture and photography. He was project coordinator for the organization and conservation of the Foto Melo photography collection in Mindelo, Cape Verde, and organized the *Espelho de Prata* exhibition with a bursary from the INOV-Art programme, in partnership with the Instituto Camões/Centro Cultural Português in Mindelo, with additional funding from the Calouste Gulbenkian Foundation. His photographic output has taken shape in the fields of archives, memory and landscape. He has been working since 2011 on a project on Amílcar Cabral. More recently, he has worked on two projects dealing with Cape Verdian identity, heritage and landscape.

EUGÉNIA MUSSA

(Maputo, 1978)

Iniciou os estudos em Artes Plásticas na City & Islington College, em Londres, e estudou Pintura no Ar.Co. Em 2009, foi uma das finalistas do prémio Anteciparte (Lisboa), que destaca novos talentos e, em 2010, recebeu uma menção honrosa na exposição comemorativa do 25º Aniversário do Banco de Moçambique. No seu percurso, houve a permanente vontade de fazer parte de

algo maior: a História e Anatomia da Pintura. Em 2012, participou no projeto “Ocupações Temporárias 20.12”, em Maputo. Atualmente vive e trabalha em Lisboa e está a preparar uma exposição individual no Espaço Tranquilidade, a inaugurar em Maio 2013. She started her artistic studies at City & Islington College, London, and went on to study painting at Ar.Co. In 2009, she was one of the finalists in the Anteciparte awards (Lisbon) for new talent and in 2010 she received an honourable mention at the exhibition commemorating the 25th Anniversary of the Bank of Mozambique. Her work has displayed a consistent interest in belonging to something bigger: history and the anatomy of painting. In 2012 she took part in the “20.12 Temporary Occupations” project in Maputo. She currently lives and works in Lisbon where she is preparing an individual exhibition at Espaço Tranquilidade, scheduled to open in May 2013.

FILIPE BRANQUINHO

(Moçambique, 1977)

Trabalha como freelancer em fotografia e ilustração. A sua paixão pelas artes nasce no ambiente em que cresceu, na cidade de Maputo, pela convivência com o meio artístico e muitos dos mestres e referências nacionais. No Brasil, o desenho, a ilustração e a fotografia surgem de forma sistemática e consciente, através do contacto com as disciplinas artísticas, na Universidade Estadual de Londrina, a par da formação em arquitetura. Participou em diversas exposições coletivas e individuais no Brasil, em Moçambique, na África do Sul e em Portugal. Tem diversas obras em coleções particulares. Em 2012, com o projeto fotográfico “Ocupações”, foi vencedor do prémio Internacional Estação Imagem Mora, na categoria de retratos, participou com uma instalação fotográfica, no Programa Próximo Futuro da Fundação Calouste Gulbenkian e participou na PARIS-PHOTO 2012. É finalista no prémio BesPhoto 2013. Works as a freelance photographer and illustrator. He owed his enthusiasm for the arts to the environment in which he grew up, in Maputo, in contact with artistic circles and many of country’s leading figures and practitioners. In Brazil he systematically and consciously developed his drawing, illustration and photography through contact with artistic disciplines. at the Londrina State University, alongside his architectural training. He has exhibited in group and individual shows in Brazil, Mozambique, South Africa and Portugal. He has a number of works in private collections. In 2012, his project “Ocupações” won the portrait prize in the international Estação Imagem awards in Mora, he contributed a photographic installation to the Next Future Programme at the Calouste Gulbenkian Foundation and participated in PARIS-PHOTO 2012. Finalist in the 2013 BesPhoto awards.

GONÇALO MABUNDA

(Maputo, 1975)

Estudou em Maputo e, em 1992, começou a trabalhar como assistente de galeria na Associação Núcleo de ArteTambém, ao mesmo tempo que se iniciou na pintura. Em 1995, participou no workshop Ujamma IV, como assistente do artista sul-africano Andries Botha. Em 1996, participou num curso de escultura em metal e bronze, na Technikon de Natal. Conta já com uma vasta participação em exposições coletivas e feiras de arte. As suas obras com restos de armamento têm recebido diversos prémios internacionais e integram coleções institucionais e privadas, tanto em África como na Europa e na América.

Studied in Maputo and in 1992 started to work as gallery assistant at Associação Núcleo de ArteTambém, at the same time as he started to paint. In 1995, he took part in the Ujamma IV workshop, as assistant to the South African artist, Andries Botha. In 1996, he attended a course in metal and bronze sculpture, at Technikon Natal. He has exhibited in a vast number of group shows and art fairs. His work using scrap weaponry has won him several international prizes and is included in institutional and private collections, in Africa, Europe and America.

JOÃO PETIT GRAÇA

(Maputo, 1979)

Licenciou-se em Design de Comunicação e fez o mestrado em Arte Multimédia pela Faculdade de Belas Arte da Universidade de Lisboa. Atualmente vive em Maputo e desenvolve trabalhos que estão na interceção do vídeo com a escultura. As suas peças têm, como motor, uma estrutura rítmica onde se revela um movimento padrão ou dinâmica que, posteriormente, recebe uma pele com características mais representativas que remetem para o contexto moçambicano. Tem desenvolvido, também, vários projetos e iniciativas com o propósito de estimular a cultura e a arte contemporânea em Moçambique. Graduated in media design and took a master's degree in Multimedia Arts at the Faculty of Fine Art, University of Lisbon. He currently lives in Maputo and produces work at the intersection between video and sculpture. His pieces are driven by a rhythmic structure revealing a standard movement or dynamic that then takes on a skin with more representational characteristics referring to the Mozambican context. He has also worked on a number of projects and schemes designed to foster the contemporary arts and culture in Mozambique.

JORGE CAETANO FERNANDES

(Maputo, 1982)

Estudou na Escola de Belas Artes, em Haia, na KABK e DNA (pesquisa pós académica). Sendo emigrante, interessou-se

pela relação entre o humano e o seu meio-ambiente direto. O ênfase do seu tempo na DNA foi o espaço entre a lenda e a história (não-) ficção e o conhecimento, a que se chama anomalístico. Nesta área, a hibridização da língua representa um papel importante: os desenhos roubam à estética cinematográfica e os argumentos pedem emprestado à arquitetura da linguagem. Studied the Fine Arts in The Hague at the KABK and DNA (-post academic research). Being an immigrant inspired an interest in the relationship between the Human and its direct environment. The emphasis of the time spent at DNA was the space between anthropology and myth. More recently the work has found a dwelling space between legend and history, (non-)fiction and knowledge; what is called anomalistics. In this field the hybridization of language plays an important role: drawings steal cinema aesthetics and screenplays borrow architectural language.

LORENZO BORDONARO

(Torino, 1971)

É doutorado em antropologia (ISCTE, 2007), investigador do CRIA (Lisboa) e pintor. Tem trabalhado em vários projetos de pesquisa na Guiné Bissau, em Cabo Verde e nos bairros de Lisboa, focando as questões juvenis, a infância e a marginalidade urbana. É ainda presidente e cofundador da associação EBANO - Ethnography Based Art Nomad Organization (ebanocollective.org). Holds a PhD in anthropology. He is currently researcher at CRIA and painter. He has conducted research in Guinea Bissau, Cape Verde and Lisbon on youth, childhood and urban marginality. He is also president and co-founder of association EBANO - Ethnography Based Art Nomad Organization (ebanocollective.org).

LOURENÇO DINIS PINTO

(Maputo, 1980)

Tem o Desenho como a sua forma de expressão artística. Fez o curso de Desenho Gráfico, na Escola Nacional de Artes Visuais, e licenciou-se em Arquitetura e Planeamento Físico, pela Universidade Eduardo Mondlane, em 2009. Participou em mais de 3 dezenas de exposições coletivas (Moçambique, Portugal, Japão, Cabo Verde, Suíça, França, EUA, Noruega, África do Sul, Zimbabwe, Itália), onde tem a sua obra representada em coleções particulares.

Desde 2000, coorganiza e participa em projetos de exposições. Em 2004 participou no primeiro projeto ligado à arte contemporânea, “Réplica e Rebeldia”. Em 2005, realizou a primeira mostra individual em Maputo, “Morfologia da Linha” (Instituto Camões), e, em 2010, no espaço na Fundação PMLJ, em Lisboa. An artist who works through drawing. Studied graphic design at the Escola Nacional de Artes Visuais, and graduated

in Architecture and Planning at the Universidade Eduardo Mondlane, in 2009. He has taken part in more than thirty group shows in Mozambique, Portugal, Japan, Cape Verde, Switzerland, France, USA, Norway, South Africa, Zimbabwe and Italy, where his work is represented in private collections. He has co-organized and participated in exhibition projects since 2000. In 2004, he took part in the first contemporary art project entitled “Réplica e Rebeldia”. In 2005, he had his first individual exhibition in Maputo, entitled “Morfologia da Linha” (Instituto Camões), followed by another in 2010 at the PMLJ Foundation in Lisbon.

MAIMUNA ADAM

(Maputo, 1984)

Licenciou-se em Belas Artes, na Universidade de Pretoria, em 2008. Leciona desenho no Instituto Superior de Artes e Cultura, em Maputo, desde 2010. A sua pesquisa artística foca-se em narrativas pessoais e históricas, relacionadas com a viagem e a migração, fazendo uso de materiais como café, tinta-da-china, papel de fibra de bananeira, carvão, acrílico, tela e livros. Explora noções de identidade e memória em relação às origens e histórias de seus familiares, misturando narrativas fictícias e reais. Participou em diversas exposições coletivas, que incluem TDM Bienal’09, Ocupações Temporárias 20.10, VI Bienal de Arte e Cultura de São Tomé e Príncipe e MUVART Bienal’12. Graduated in Fine Arts from the University of Pretoria, in 2008. She has taught drawing at the Instituto Superior de Artes e Cultura, in Maputo, since 2010. Her artistic research focuses on personal and historical narratives, concerning travel and migration, making use of material such as coffee, Indian ink, paper made from the fibres of the banana palm, coal, acrylic, canvas and books. She explores ideas of identity and memory in relation to the origins and life stories of members of her family, mixing fictional and real narratives. She has taken part in a range of group shows, including TDM Bienal’09, Ocupações Temporárias 20.10, the 6th São Tomé e Príncipe Arts and Culture Bienial and MUVART Bienal’12.

MAURO PINTO

(Maputo 1974)

Vive e trabalha em Maputo. Dos primeiros contactos com o fotógrafo português Alexandre Júnior, surgem as primeiras experiências no domínio da fotografia. No final dos anos 90, fez um curso de fotografia na Monitor Internacional School e, na mesma altura, um estágio com o fotógrafo José Machado. Em 2002 integrou, pela primeira vez, a Photofesta e, em 2006, participou na exposição “Vers Matola”, no Espace 1789 Saint-Ouen, em Paris. Em 2009, integrou a exposição “Maputo, a tale of one city”,

no Oslo Museum, que, durante 12 meses, percorreu diferentes cidades da Noruega. No mesmo ano, iniciou o projeto “Karl Marx 1834”, com o escultor Gonçalo Mabunda e a advogada Tina Lorizzo. Em 2010, participou na 2a edição de El Ojo Salvaje, no Paraguai, sendo o primeiro artista africano a integrar a mostra. Em 2012, venceu o prémio BesPhoto. Lives and works in Maputo. His first experiences in the field of photography came about through contact with the Portuguese photographer, Alexandre Júnior. In the late nineties he took a course in photography at the Monitor International School, and at the same time worked as a trainee with the photographer José Machado. In 2002 he was included for the first time in Photofesta and in 2006 he took part in the exhibition entitled “Vers Matola”, at Espace 1978 Saint-Ouen, in Paris. In 2009, his work was included in the exhibition “Maputo, a tale of one city”, at the Oslo Museum, which then toured around Norway for 12 months. In the same year, he started work on the project “Karl Marx 1834” with the sculptor Gonçalo Mabumba and the lawyer Tina Lorizzo. In 2010 he took part in the second *El Ojo Salvaje* exhibition, in Paraguay, the first African artist to show at this event. In 2012, he won the BesPhoto award.

NUNO DE PINA

(Mindelo, 1975) Estudou Comunicação Social com especialização em Publicidade. É *designer* gráfico e docente na Universidade Lusófona de Cabo Verde, na área da comunicação. Ao nível artístico trabalha essencialmente fotografia e vídeo, tendo apresentado, em 2011, a sua primeira exposição a nível internacional no CINEPORT (Festival de Cinema de Países de Língua Portuguesa), no Brasil. No final de 2012 apresentou, em São Nicolau, a exposição “AMORAMAR”, um olhar sobre as relações entre o homem e o mar, tendo como referência a localidade piscatória da Preguiça. Educational background in media studies, specializing in advertising. Graphic designer and lecturer in media studies at the Universidade Lusófona de Cabo Verde. His artistic output consists essentially of photography and video, and he showed his work abroad for the first time in 2011 at CINEPORT (Festival of Film from Portuguese-speaking Countries), in Brazil. In late 2012, he presented an exhibition entitled “AMORAMAR”, in São Nicolau, looking at the relationship between man and the sea, taking as his reference the fishing village of Preguiça.

PAULO KAPELA

(Makela Zombo, 1947) Autodidata, começou a pintar em 1960 na Escola POTO-POTO (Brazzaville, República Democrática do Congo). Vive e trabalha em Luanda (Angola). Tem

participado em inúmeras exposições coletivas em África e na Europa. No âmbito da Trienal de Luanda, integrou a exposição “No Fly Zone” (Lisboa, 2013) e a representação angolana da Bienal de Veneza na exposição “Check List - Luanda Pop”. As suas obras integraram a circulação da exposição “África Remix” (2004/2006) e “Réplica e Rebeldia” (2006). Em 2003 recebeu o prémio CICIBA - Centro Internacional de Civilizações Bantú, em Brazzaville. Self taught, he started painting in 1960 at the Poto-Poto School (Brazzaville, Democratic Republic of the Congo). Lives and works in Luanda (Angola). He has taken part in countless group shows in Africa and Europe. As part of the Luanda Triennial, his work was featured in “No Fly Zone” (Lisbon, 2013) and in the Angolan contribution to the Venice Biennale, in the exhibition “Check List - Luanda Pop”. His work was included in the touring exhibitions “África Remix” (2004/2006) and “Réplica e Rebeldia” (2006). In 2003 he was awarded the CICIBA prize, from the International Centre for Bantu Civilizations, in Brazzaville.

POMPÍLIO HILÁRIO GEMUCE

(Quelimane, 1963) Licenciou-se em Belas Artes pelo Instituto de Belas Artes de Kiev (Ucrânia), em 1990. É Mestre em Pintura de Murais, pela Academia de Belas Artes da Ucrânia, e em Decisão e Gestão de Projetos Culturais, pela Universidade FCP3 Sorbonne Nouvelle (França). Foi docente da Escola Nacional de Artes Visuais e, atualmente, é docente do Curso de Artes Visuais no Instituto Superior de Arte e Cultura. Foi sócio fundador e gerente da Galeria de Arte UGUPU, em Maputo, e é membro fundador e presidente do MUVART-Movimento de Arte Contemporânea de Moçambique. Realizou diversas exposições individuais e coletivas na Europa, América Latina e África. A sua obra está representada em várias coleções institucionais e particulares, nacionais e estrangeiras. Graduated from the Kiev Institute of Fine Arts (Ukraine) in 1990. Holds master's degrees in Mural Painting, from the Ukraine Academy of Fine Arts, and in Arts Management from FCP3 Sorbonne Nouvelle (France). He has taught at the Escola Nacional de Artes Visuais and currently teaches on the visual arts course at the Instituto Superior de Arte e Cultura. He was a founding partner and manager of the UGUPU Art Gallery in Maputo, and is founding member and chairman of MUVARTE - Movimento de Arte Contemporânea de Moçambique. He has exhibited in various individual and group shows in Europe, Latin America and Africa. His work is represented in various private and institutional collections, in Mozambique and abroad.

RUI TENREIRO

(Maputo, 1979) Artista moçambicano reside, desde 2008, em Estocolmo, onde se estabeleceu como ilustrador. Entre 2005 e 2009, geriu uma editora informal de cadernos artísticos. O seu trabalho apresenta formas variadas, como o filme, a escrita, o desenho, a direção artística e a edição, sendo a narrativa o ponto de partida e o elo de ligação entre todas as formas de expressão artística a que se dedica. Está atualmente a produzir uma história, com banda sonora de Tiago Correia-Paulo, e a editar uma coletânea de banda desenhada sul-africana. Mozambican artist resident since 2008 in Stockholm, where he has established himself as an illustrator. From 2005 to 2009 he managed an informal publisher of artists' books. His work takes a variety of forms, such as film, writing and drawing, working also as artistic director and publisher. Narrative is the starting point and connecting thread between the different forms of artistic expression he chooses. He is currently producing a story, with a soundtrack by Tiago Correia-Paulo, and publishing a collection of South African comic strips.

SANDRA MUENDANE

(Maputo, 1978) Estudou *design* de moda e, posteriormente, design estratégico e inovação. Nos últimos anos, exerceu a prática na criação de coleções de vestuário. Atualmente conjuga a moda com a arte, participando em conferências e desenvolvendo intervenções artísticas, como o caso da obra “Outra moda é possível”, apresentada no projeto “Ocupações Temporárias 20.12”. Studied fashion design and later design strategy and innovation. In recent years she has worked on creating fashion collections. She currently combines fashion with art, taking part in conferences and designing art interventions, such as her piece “Outra moda é possível”, presented as part of Ocupações Temporárias 20.12.

SANDRA SEQUEIRA

(Northampton, 1978) Professora Assistente de Economia do Desenvolvimento na London School of Economics, em Londres, GB. A sua pesquisa foca-se na dinâmica do mercado de trabalho nos países em desenvolvimento e no papel das infraestruturas no desenvolvimento do setor privado e crescimento. Trabalhou no Peru, Índia, Gana, África do Sul e Moçambique. Is an Assistant Professor in Development Economics at the London School of Economics, in London, UK. Her research focuses on labor market dynamics in the developing world and the role of infrastructure in private sector development and growth. She has conducted fieldwork in Peru, India, Ghana, South Africa and Mozambique.

SHOT-B

(Maputo, 1983) Tirou o curso de artes gráficas, da Escola Nacional de Artes Visuais, e fez formação em *webdesign*, ministrada pela Faculdade de Belas Artes do Porto, na capital de Moçambique. É desenhador gráfico, ilustrador de BD e, enquanto artista plástico, faz uso dos *graffiti* como forma de expressão privilegiada. Em 2008, realizou uma exposição de trabalhos de graffiti e moda, no Centro Cultural Franco-Moçambicano, em Maputo. É membro fundador da Associação Vídeo Arte Moçambique. Studied graphic design at the Escola Nacional de Artes Visuais, and then trained in webdesign, in the programme organized in Maputo by the Porto Faculty of Fine Arts. Works as graphic desitgner and comic strip illustrator, and his artistic work uses graffiti as its prime means of expression. In 2008, he presented an exhibition of graffiti and fashion pieces at the Centro Cultural Franco-Moçambicano, in Maputo. Founder member of the Mozambique Video Art Association.

TIAGO CORREIA-PAULO

(Maputo, 1977) Gosta de dizer que ‘perdeu’ tempo a estudar Economia de Desenvolvimento e Gestão de Recursos Humanos, na África do Sul, para afinal descobrir que queria ser músico ou algo parecido. Em Joanesburgo, formou alguns agrupamentos musicais para poder gravar álbuns, participar em tournées e fazer outras coisas que o convencional músico faz. Mais tarde, aborrecido com a uniformidade de tocar em grupos, começa a trabalhar por conta própria em bandas sonoras e noutras experiências musicais. Quase instintivamente, associa-se a outras paixões como o design, a ilustração e a edição, e acaba por mergulhar de cabeça no mundo do cinema. Atualmente: à espera de aterrar... nalgum lugar.

‘Wasted’ a bunch of time studying Development Economics and Human Resource Management in South Africa to later discover that he actually wanted to become a musician, or something like that. Based in Johannesburg, he started a couple of bands so he could record albums, go on tour, and do all the things conventional musicians do. Later, bored with the one dimensional aspect of being in bands, he started working a bit more by himself on film scores and other musical experimentations. Not long after, almost instinctively, he ends up bridging other inclinations like design, illustration and editing, and ends up diving head first down the world of film making. Currently: waiting to land... somewhere.

Nº 12

ABRIL / APRIL 2013

“Ocupações Temporárias – Documentos”

é uma realização conjunta do Programa Gulbenkian Próximo Futuro e do Programa Gulbenkian de Apoio ao Desenvolvimento

“Ocupações Temporárias – Documentos”

has been organized jointly by the Gulbenkian Next Future Programme and the Gulbenkian Development Aid Programme

Programa Gulbenkian Próximo Futuro
Gulbenkian Next Future Programme
Programador geral / Chief curator
António Pinto Ribeiro

Assistente de programação
Curatorial assistant
Lúcia Marques

Assistentes de produção
Production assistants
Rita Coxo (estagiária / intern)
Henrique Figueiredo

Programa Gulbenkian de Ajuda ao Desenvolvimento
Gulbenkian Development Aid Programme
Diretora / Director: Maria Hermínia Cabral

Assistência administrativa
Administrative Assistant
João Saavedra

Colaboração
with the kind collaboration of
Museu Calouste Gulbenkian
Calouste Gulbenkian Museum
(**diretor** / director: João Castel-Branco)
Serviços Centrais
Central Departments
(**diretor** / director: António Repolho Correia)
Serviço de Comunicação
Communication Department
(**diretora** / director: Elisabete Caramelo)

Design gráfico
Graphic design
Arne Kaiser

Apoio à comunicação
Communication support
Mónica Braz Teixeira

Revisão
Proof reading
Teresa Meira

Traduções
Translation
Clive Thoms
James Kirkby

Website
BOQ (Guilherme Cartaxo / Miguel Duarte)

Colaborador
Online communication
(Website/Blog/FB/Twitter)
Elisa Santos
Lúcia Marques

Agradecimentos / Acknowledgments
Ana Lúcia Marques
Filipe Branquinho
Mauro Pinto
Rita Rainho
Vitor Barros

Capa / Cover
Foto de / Photo by Mauro Pinto
Cortesia do artista / Courtesy of the artist

Ocupações Temporárias – Documentos

Coordenação
Coordinated by
António Pinto Ribeiro
Elisa Santos

Design da exposição
Exhibition design
Carlos Bártolo

Colaboração
Project Staff
Clemente Cuba
Inês Filipe (estagiária / intern)
Jacinto Ramos
Jorge Martins Lopes
Lúcia Marques
Manuel Mileu
Miguel Quirino Fumega
Mónica Braz Teixeira
Paulo Gregório

Montagem
Installation
J.C. Sampaio

Produção gráfica
Printing
Digipainel

Design gráfico Exposições Maputo e Mindelo
Graphic design for Maputo and Mindelo exhibitions
João Oliveira

Produção executiva Maputo
Executive Producer – Maputo
Ana Lúcia Cruz

Assistente produção Mindelo
Production Assistant – Mindelo
Lavínea Monteiro

Agradecimentos
Acknowledgments
Ana Cordeiro
Ana Lúcia Cruz
Andrea Moreira
Bruno Fonseca
Diogo Bento
Filipe Branquinho
Francisco Campos
Maimuna Adam
Maria Conceição Siopa
Mauro Pinto
Sara Espírito Santo

Nº 12

ABRIL / APRIL
2013

OCUPAÇÕES TEMPORÁRIAS - DOCUMENTOS

12 de Abril a 26 de Maio de 2013

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Edifício Sede, galeria de exposições temporárias, piso 01
terça a domingo, 10h-18h, entrada livre

PROGRAMA GULBENKIAN
DE AJUDA AO DESENVOLVIMENTO



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN